

A CRACOLÂNDIA EM ARTIGOS CIENTÍFICOS: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Débora Ortolan Fernandes de Oliveira

Natália Del Ponte de Assis

Rafael Aiello-Fernandes

Tânia Maria Jose Aiello-Vaisberg

Resumo: O presente estudo tem como objetivo refletir criticamente sobre a literatura científica acerca do complexo fenômeno conhecido como Cracolândia – denominação popular para uma área do centro da cidade de São Paulo, onde ocorre grande concentração de uso de crack a céu aberto. Organiza-se metodologicamente por meio do levantamento de artigos nas bases SciELO Brasil, SciELO Regional e PubMed, utilizando o descritor “Cracolândia”, que rendeu um total de 07 artigos, abordados em termos de sua configuração e coerência, a partir dos itens estruturais segundo os quais se organizam textos científicos. O quadro geral indica que não há consenso no reconhecimento do aspecto social do uso de drogas, mostrando um *deficit* no que diz respeito ao conteúdo dramático de vida das pessoas, denunciando, assim, uma limitação quanto as intervenções propostas. Apontamos, ainda, para a escassez de estudos psicológicos no desenvolvimento científico a respeito do fenômeno.

Palavras-chaves: Cracolândia, drogas, sofrimento social, espaço urbano, artigos científicos.

Introdução

Cracolândia é uma denominação popular para uma área do centro da cidade de São Paulo, onde ocorre grande concentração de uso de crack a céu aberto. Caracterizada por ser um território alvo de inúmeras intervenções estatais e não estatais de diversos setores, tem se revelado um grande desafio por se encontrar no entrecruzamento de problemáticas de várias ordens. Apesar de não se tratar de um fenômeno recente, pois existe há mais de 25 anos (Ribeiro et al. 2015), segue desafiando tanto os profissionais quanto os estudiosos desta temática, seja sob o ângulo da saúde mental, seja pelo viés da antropologia urbana ou ainda da segurança pública. É em vista de tal complexidade que objetivamos na presente pesquisa realizar reflexões iniciais sobre o modo como aparece na literatura científica.

A partir do interesse em estudar grupos vítimas de discriminação e exclusão social, sem descuidar da consideração dos contextos macrossociais em que tais problemáticas se inserem, temos identificado várias condições que podem ser compreendidas como sofrimentos sociais (Aiello-Vaisberg, 2017; Ambrosio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013). Adotando uma visão do ser humano como fundamentalmente social, não podemos deixar de admitir que, em sentido amplo e profundo, todo padecimento emocional seria, também, social (Bleger, 1963/2007). Usamos esse conceito em sentido estrito, para referir experiências de desamparo, humilhação e injustiça diretamente associadas a problemas sociais, tais como guerras, migrações, acidentes, catástrofes naturais ou, como é comum em nosso país, desigualdades sociais abissais e desamparo material extremo. Nossa trajetória, no campo da pesquisa em psicologia, tem se pautado pelo desenvolvimento de estudos de caráter compreensivo, que visam trazer subsídios para aprimorar as práticas psicológicas que possam responder aos sofrimentos emocionais socialmente determinados, bem como contribuir para debates científicos e políticos comprometidos com a busca de soluções.

A questão do uso de drogas foi e ainda é muitas vezes pensada como uma forma de transtorno psiquiátrico, devidamente classificado em manuais diagnósticos dessa área da medicina (Organização Mundial de Saúde [OMS], 1996; American Psychiatric Association [APA], 2011). Tende, portanto, a ser equacionado como problema individual, de caráter orgânico ou psicológico. Contudo, há claras evidências de que pode ser considerado como sintoma de sofrimento social (Gomes & Adorno, 2011), no sentido de ser determinado pela violência estrutural neoliberal que, causando precarização laboral e desemprego, gera efeitos subjetivos que devem ser considerados como relevantes (Bourdieu, 1998). Deste modo, parece-nos justificado nosso interesse pela questão da Cracolândia como espaço urbano frequentado por usuários de drogas.

Entretanto, ainda que primariamente interessados em questões ligadas ao sofrimento humano, partimos do reconhecimento de que a Cracolândia apresenta dimensões singulares que ultrapassam o uso de drogas. Não desconhecemos, evidentemente, que as produções midiáticas enfatizam o uso e a venda de drogas, mas ponderamos que essa região abarca muitas outras vivências, que pouco são consideradas ao falar sobre este território, como indicam Adorno et al. (2013), quando descrevem este espaço como: "...um intenso sistema de trocas. Trocas de objetos, alimentos, bebidas, drogas e também de afetividades, sexualidades, emoções" (Adorno et al., 2013, p. 15). Assim, faz sentido ressaltar a

importância de abordar esse fenômeno sem o reduzir à questão da droga, já que por esta via facilmente se chega a estigmatizar a população que por ali circula, o que certamente não contribui de modo positivo para a compreensão de uma situação altamente complexa, que desafia e interroga profundamente a sociedade em que vivemos.

Dedicamos o presente trabalho ao estudo de artigos científicos que focalizam especificamente a Cracolândia, tendo em vista nos atualizarmos sobre o debate científico acerca dessa questão. Para isso utilizamos as bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) Brasil, SciELO Regional e PubMed, em junho de 2018, inserindo o descritor ‘Cracolândia’ no campo de busca ‘todos os índices’. Retirados os artigos repetidos, o levantamento resultou um total de 07 artigos, após retiradas as repetições daqueles que figuravam em mais de uma base, sendo 05 empíricos e 02 editoriais, conforme as Tabelas 1 e 2:

Tabela 1.: Apresentação dos autores, título, periódico/ano, objetivo e apreciação geral dos estudos empíricos

Artigo	Autores	Título	Periódico / Ano	Objetivo	Apreciação Geral
1	Frugoli Jr, H. Spaggiani, E.	<i>Networks and territorialities: an ethnographic approach to the so-called cracolândia ["crackland"] in São Paulo</i>	<i>ibran Virtual Brazilian Anthropology</i> 2011	Investigar as relações e a circulação dos habitantes da Cracolândia	Cracolândia se trata de um território itinerante, caracterizado por diversos conflitos e se move a partir da repressão.
2	Gomes, B. R. Adorno, R. de C. F.	Tornar-se noia: trajetória e sofrimento social nos “usos de crack” no centro de São Paulo	Etnográfica 2011	Investigar a trajetória de vida dos habitantes da Cracolândia	Cracolândia como um local de passagem e possibilidade de acesso diante das situações de restrição de inserção social e precariedade.
3	Nasser, M. M. S.	Entre a ameaça e a proteção: categorias, práticas e efeitos de uma política de inclusão na Cracolândia em São Paulo	Horizontes Antropológicos 2018	Investigar o cuidado oferecido para os habitantes da Cracolândia	A vivência do usuário de um labirinto ao tentar se inserir em um programa estatal. A classificação é feita a partir da vulnerabilidade que, não sendo um critério de inclusão claro, se torna uma avaliação pessoal do profissional.
4	Raupp, L. Adorno, R. de C. F.	Uso de crack na cidade de São Paulo / Brasil	Revista Psicodependências 2010	Investigar o autocuidado dos habitantes da Cracolândia	Apesar da negligência com cuidados básicos, uso de drogas é um fator de vulnerabilidade. Disseminação do

5	Rui, T.	lhos da “Luz” e a “cracolândia”: etnografia de práticas espaciais	Saúde e Sociedade 2014	Investigar os significados de estar a Cracolândia para seus habitantes	ack é facilitada pela condição de exclusão social. Os usuários de drogas não são os únicos a circular na Cracolândia. Local de sociabilidade onde as pessoas obtêm informações e descobrem oportunidades.
---	---------	---	------------------------	--	---

Tabela 2.: Apresentação dos autores, título, periódico/ano, objetivo e apreciação geral dos editoriais

Artigo	Autores	Título	Periódico / Ano	Objetivo	Apreciação Geral
1	CRM do Estado de São Paulo	Cracolândia, por diretrizes convergentes	Revista Latino Americana Psicopatologia Fundamental 2012	Expor a necessidade de construir uma intervenção coerente para os usuários de drogas da Cracolândia	Compreensão do uso de drogas a partir da oxicomania e da necessidade de resgate dos usuários.
2	Ribeiro, M.; Duailibi, S.; Rajzinger, R.; Alonso, A. L.; Marchetti, S.; Williams, A. L.; Strang, J.; Branjeiras, R.	<i>The Brazilian Cracolândia: open drug scene and the challenge of implementing a comprehensive and effective drug policy</i>	<i>Addiction</i> 2015	Expor as incoerências das intervenções da Cracolândia	Reconhece conflitos ideológicos nas diversas intervenções. Compreensão de que a inclusão social é ineficiente, pois os usuários precisam de tratamento médico. Mesmo em espaços urbanos abertos devem ser prevenidos.

Convergências e Diferenças nos Artigos Científicos

A partir de uma análise sistemático-crítica (Aiello-Vaisberg & Assis, 2017), constatamos que há consenso nos textos encontrados de que a Cracolândia corresponde a um problema que deve ser repensado em busca de soluções e mudanças. Por outro lado, os artigos diferem significativamente no modo como compreendem o fenômeno e em termos de que tipo de transformações defendem, em função das perspectivas teóricas que adotam.

O exame da Tabela 1 indica que a maioria dos artigos empíricos é desenvolvida no campo das ciências sociais, mediante uso do método etnográfico. Segundo Adorno et al. (2013) esta metodologia utiliza os recursos da observação participante e do diário de campo como

técnicas de pesquisa, a partir de uma visão que enfatiza a importância da intersubjetividade, valorizando a relação entre pesquisadores e participantes da pesquisa, que habitualmente se faz por meio de uma abordagem pautada em contato intenso e prolongado. Por esta via, os etnógrafos buscam compreender significados sociais e culturais das situações humanas que abordam.

Ainda que o mesmo problema de pesquisa tenha sido focalizado, nos estudos empíricos, a partir de diferentes desenhos investigativos, constatamos que convergem ao considerar que a Cracolândia corresponde a um fenômeno complexo que deve ser compreendido como manifestação urbana. Além disso, concordam quanto à constatação de que a população, que aí convive e circula, é estigmatizada, indicando que questões morais são associadas às concepções relativas a esse espaço. Outro ponto consonante corresponde ao entendimento de que a diversidade presente na Cracolândia, tanto no que diz respeito aos seus habitantes, como aos múltiplos sentidos que explicam sua presença, revelam que não pode ser compreendida com base em uma única narrativa.

Os editoriais, apresentados na Tabela 2, consistindo um gênero da literatura científica diverso, apresentam divergências significativas em relação aos trabalhos empíricos, ainda que sejam convergentes entre si. De acordo com seu caráter informativo, posicionam-se a partir da perspectiva das ciências da saúde, equacionando a Cracolândia ao uso de drogas que, por seu turno, é compreendido como transtorno mental individual (Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo [CRM-SP], 2012; Ribeiro et al., 2015). Assim, mesmo que os autores não neguem a importância de políticas de apoio social e habitacional, ambos os editoriais não deixam de admitir que colocar a população em tratamento médico-psiquiátrico seria a principal medida a ser implementada.

Vale, ainda, ressaltar que Ribeiro et al. (2015) apontam para um conflito ideológico presente nas diversas abordagens de tratamento a usuários de drogas. Referem que algumas ações, como as desintoxicações em comunidades terapêuticas, podem ser consideradas higienistas e como retrocessos no sentido da volta ao manicômio, o que nos leva a pensar que mesmo no âmbito da medicalização algumas controvérsias estão presentes. De todo o modo, podemos afirmar que os editoriais compreendem as pessoas que circulam na Cracolândia como dependentes químicos, partindo de uma visão focada na questão do uso de drogas como um problema pessoal. Sendo assim, trata-se de curar o indivíduo para que possa retomar o convívio social em outros espaços da cidade. Há por trás dessa forma de olhar o fenômeno da Cracolândia, duas ideias que merecem ser salientadas:

a que de todo usuário de drogas é um paciente necessitado de tratamento psiquiátrico e a de que haveria uma forma objetiva, a cargo da psiquiatria, de determinação do que seria uma vida normal. Defrontamo-nos aqui, claramente, com a antiga, mas não resolvida, questão da psiquiatrização da vida.

Enquanto os editoriais consideram aqueles que circulam na Cracolândia de modo homogêneo, como pacientes psiquiátricos, os cinco artigos empíricos, aqui focalizados, deixam clara a intenção de seus autores de compreender o fenômeno contextualmente. Como decorrência, deixam de adotar um olhar que estigmatize o habitante desse espaço, já que, em sua perspectiva, encontram-se diante de algo que não decorre simplesmente de transtornos psíquicos individuais, pensados de modo descolado da realidade social.

De nossa parte, criticamos a abordagem médica unidimensional que, a nosso ver, não dá conta da complexidade da situação, reduzindo-a a um fenômeno individual, seja visto sob ângulo organicista, psicossomático, de comportamento ou de caráter, ponderando bastante mais apropriada a perspectiva etnográfica, na medida em que permite que seja considerada a articulação inevitável entre aquilo que se passa na esfera pessoal com o que se constela no mundo social. Nessa linha, visando ter uma visão mais ampla do fenômeno, Gomes e Adorno (2011) destacam que o conhecimento acerca da dependência química, em termos químicos e mesmo psicodinâmicos, fica muito aquém do necessário para a produção de conhecimento compreensivo, visto que o sentido de estar na Cracolândia é bastante mais complexo que os efeitos das drogas.

Sabemos que existem inúmeros aglomerados de usuários pelas cidades do Brasil, porém o que faz a Cracolândia ser alvo de intervenções constantes, bem como de coberturas midiáticas, parece não derivar apenas do consumo da droga em si, mas da localização em que esse se dá, vale dizer, no centro da maior cidade do país. Este aspecto foi discutido por Rui (2014), ao mencionar as tentativas de reforma urbana, visando a expulsão das classes populares do local e por Frugoli Jr e Spaggiari (2011), ao mostrarem como as operações urbanas têm como objetivo elevar o valor das propriedades, atraindo um fluxo das classes média e alta para esta região, o que objetiva afastar os usuários de drogas.

Essa questão da localização fica clara quando, em setembro de 2018, o jornal A Folha de São Paulo publicou uma reportagem que apresenta um breve histórico dos divergentes programas dos últimos governos desenvolvidos na região central e seus insucessos. Esse texto alerta para a intenção do atual governo de transferir a Cracolândia para uma região menos central da cidade, colocada em marcha por meio da retirada das tendas que oferecem

atendimentos aos usuários de drogas, com o objetivo de que os dependentes químicos migrem e se instalem em outra região. Na reportagem evidencia-se que, pois a Cracolândia não dá sinais de que possa desaparecer, pelo menos deve ser transferida para outro local, tendo em vista gerar menos conflitos políticos e econômicos para o governo (Amancio, 2018).

Pensando a Cracolândia à luz da psicologia psicanalítica concreta

Podemos compreender que existem diferentes formas de olhar para a Cracolândia e que, como foi colocado, conflitos diversos envolvem esse fenômeno urbano. Destacamos, porém, a ausência de contribuições da psicologia, como ciência e profissão, nas produções científicas encontradas neste estudo. No que segue, propomos, portanto, um olhar pautado na psicologia psicanalítica concreta a fim de refletirmos sobre este fenômeno.

Diferentemente da visão das psicologias psicanalíticas metapsicológicas, que compreendem o sofrimento psicológico como uma questão intrapsíquica e descolada das condições concretas de vida, concordamos com a visão de Bleger (1963/2007) que enfatiza: “Há uma permanente e estreita relação entre o indivíduo e sociedade e só se pode compreender um pelo outro” (Bleger, 1963/2007, p. 19). Não podemos, assim, ignorar a interdependência dos fenômenos, pois “perdem vigência as discussões e investigações que isolam o ser humano ou tratam de forma abstrata uma parte de suas manifestações, sem conexão com a natureza e seu meio social” (Bleger, 1963/2007, p. 20).

Nesse sentido, defendemos que é importante evitar todo reducionismo explicativo em termos biologizantes, visto que tal visão se alinha com a psiquiatrização da vida, segundo um movimento de abstração, naturalização e de desvincular o acontecer humano dos contextos macrossociais em que ocorre. Partindo, portanto, da concepção de que esse espaço urbano não corresponde a um mero aglomerado de usuários, que poderia ser compreendido simplesmente pelo viés psiquiatrizante da dependência química, entendemos que aí está constelada uma organização social própria. Trata-se de um acontecer singular, coletivamente produzido não apenas pelos que lá circulam, porque socialmente engendrado, que deve ser pensado, em termos de uma psicologia comprometida com o ser humano, como um complexo de manifestações dramáticas, ou seja, “...emergentes de campos intersubjetivos, vinculares, que se constelam em contextos concretos de caráter social, econômico, geopolítico, cultural e histórico” (Ambrosio, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2013, p. 179).

Dessa forma, compreendemos que os artigos empíricos encontrados na literatura científica, ao considerarem condições concretas da vida das pessoas da Cracolândia, partem de uma visão do homem como ser social. Assim, ao utilizarem a etnografia como metodologia, buscam compreender os significados e sentidos da circulação e permanência neste espaço considerando quem ali habita como pessoas, vale dizer, como atores de suas escolhas (Adorno et al., 2013), afastando-se de uma visão objetificante. Não desconsideramos, como psicanalistas, a importância de motivações inconscientes, mas isso não nos leva, já que não aderimos à metapsicologia clássica, a subscrever nenhuma forma de objetivação do humano, em consonância com a busca de ciência psicológica em primeira pessoa (Politzer, 1928/2004).

Em divergência com os artigos empíricos, os editoriais parecem compreender a Cracolândia a partir do ponto de vista da dependência química como transtorno psiquiátrico individual. Evidentemente, não defendemos a desconsideração dos danos causados pelo uso intenso e prolongado de drogas, especialmente o crack, porém não acreditamos que olhar para a Cracolândia a partir deste viés simplificador favoreça algum êxito. De fato, como bem pontuam os artigos empíricos, há neste território uma pluralidade e uma complexidade que precisa ser levada em conta para tornar possíveis transformações consistentes da realidade social.

Para isso, fazem-se necessárias pesquisas que considerem os usuários como pessoas e como cidadãos, cuja trajetória de vida se insere concretamente na realidade social, para além da tendência a estigmatizá-los. Vale aqui ressaltar a colocação feita por Adorno et al. (2013):

Apresentá-los e nos apresentar no campo em uma dimensão que busque superar esse lugar que vem institucionalizando os sujeitos: como os degradados pelo uso do crack que frequentam um lugar já publicamente representado como o lugar dos 'zombies', daqueles que perderam a 'humanidade' porque usam uma droga e se vestem de forma maltrapilha (p.7).

Acreditamos que são claros os indícios de que o desenvolvimento de intervenções, segundo uma clínica social concreta, que contribuam para verdadeiras transformações, requer o abandono de olhares moralizantes e uma busca de compreensão deste fenômeno em sua complexidade, pluralidade e articulação entre dimensões intersubjetivas e

transobjetivas (Berenstein & Puget, 1997)⁵. Para tanto, impõe-se levar em conta as condições concretas da vida dos habitantes da Cracolândia e procurar apreender a dramática do seu viver sem propor soluções normalizadoras baseadas no padrão hegemônico de uma sociedade que os exclui de modo violento e perverso, reduzindo-os a uma condição existencial profundamente sofrida.

Referências

- Adorno, R.; Rui, T.; Silva, S. L. da; Malvasi, P. A.; Vasconcellos, M. da P.; Gomes, B. R. & Godoi, T. C. (2013). Etnografia da cracolândia: notas sobre uma pesquisa em território urbano. *Saúde & Transformação Social*, 4 (2), 04-13.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo Clínico Ser e Fazer: Resposta Crítico-Propositiva a Despersonalização e Sofrimento Social. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 37 (92), 41-62.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Assis, N. D. P. de (2017). O Uso da Literatura Científica na Pesquisa Qualitativa com Método Psicanalítico. In: *E-book*. L. S. de L. P. C. Tardivo (org). *O Procedimento de Desenhos-Estórias na Clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso*, pp. 539-553. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: São Paulo.
- Amancio, T. (2018, Setembro 28). *Covas estuda plano para 'forçar' retirada da cracolândia do centro de SP* [Reportagem]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/covas-estuda-plano-para-forcar-retirada-da-cracolandia-do-centro-de-sp.shtml>
- Ambrosio, F. F.; Aiello-Fernandes, R. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico: considerações conceituais. *Anais XI Jornada Apoiar: Adolescência: Identidade e Sofrimento na Clínica Social*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

⁵ Berenstein e Puget (1997) consideram como heurísticamente fecunda uma distinção entre três espaços subjetivos: o intrasubjetivo, o intersubjetivo e o transobjetivo. O espaço intrasubjetivo corresponde, em termos blegerianos, à área de expressão mental da conduta, em âmbito individual. O espaço intersubjetivo é aquele do vínculo, podendo ser compreendido como constelação de campos de sentido afetivo-emocional. Finalmente, o espaço transobjetivo seria aquele da inserção dos campos intersubjetivos nos contextos macrossociais.

- American Psychiatric Association (2011). *Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders*, DSM-5. Arlington, Virginia: American Psychiatric Publishing.
- Berenstein, I. & Puget, J.(1997) *Lo Vincular*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleger, J. (2007). *Psicología de la conducta*. Buenos Aires: Paidós (Original publicado em 1963).
- Bourdieu, P. (1998) *Contre-feux: Propos pour servir à la résistance contre l'invasion Néo-libérale*. Paris: Raison d'agir.
- Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo [CRM-SP] (2012). Cracolândia, por diretrizes convergentes. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15 (1), 11-13.
- Frugoli Jr, H. & Spaggiari, E. (2011). Networks and Territories: an ethnographic approach to the so-called cracolândia ["crackland"] in São Paulo. *Vibrant Virtual Brazilian Anthropology*, 8 (2), 548-579.
- Gomes, B. R. & Adorno, R. de C. F. (2011). Tornar-se "noia": trajetória e sofrimento social nos "usos de crack" no centro de São Paulo. *Etnografia*, 15 (3), 569-586.
- Nasser, M. M. S. (2018). Entre a ameaça e a proteção: categorias, práticas e efeitos de uma política de inclusão na Cracolândia de São Paulo. *Horizontes Antropológicos*, 24 (50), 243-270.
- Organização Mundial de Saúde, OMS (1996). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*, CID-10. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Politzer, G. (2004). *Crítica dos Fundamentos da Psicologia: A Psicologia e a Psicanálise*. Piracicaba: Editora Unimep. (Trabalho original publicado em 1928).
- Raupp, L. & Adorno, R. de C. F. (2010). Uso de crack na cidade de São Paulo / Brasil. *Revista Toxicodependências*, 16 (2), 29-37.
- Ribeiro, M.; Duailibi, S.; Frajzinger, R.; Alonso, A. L. S.; Marchetti, L.; Williams, A. V.; Strang, J. & Laranjeiras, R. (2015). The Brazilian 'Cracolândia' open drug scene and the challenge of implementing a comprehensive and effective drug policy. *Addiction*, 111, 571-573.
- Rui, T. (2014). Usos da "Luz" e da "cracolândia": etnografia de práticas espaciais. *Saúde e Sociedade*, 23 (1), 91-104.